



Co-funded by
the European Union



STORIES
EMPOWERMENT 4

Stories 4

empowerment

2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380

**Trabalhar o valor:
INCLUSÃO SOCIAL**



INDEX

Trabalhar o valor: Inclusão social.....	05
“A raposa e a cegonha”.....	06
Trabalhar o valor: Inclusão social.....	08
“A raposa e o leão”.....	09
Trabalhar o valor: Inclusão social.....	10
“Um cobertor de palavras”.....	11
Trabalhar o valor: Inclusão social.....	13
“O soldadinho de chumbo”.....	14
Trabalhar o valor: Inclusão social.....	17
“O macaco e o camelo”.....	18
Trabalhar o valor: Inclusão social.....	20

“O patinho feio”	21
Trabalhar o valor: Inclusão social	23
“A Bela e o Monstro”	24
Trabalhar o valor: Inclusão social	26
“O leão ingrato”	27
Trabalhar o valor: Inclusão social	29
“O ouriço e a raposa”	30
Trabalhar o valor: Inclusão social	32
“Little tiny”	33
Trabalhar o valor: Inclusão social	37
“A história do pescador e da sua mulher”	38
Trabalhar o valor: Inclusão social	40
“A Princesa e a Ervilha”	41

Trabalhar o valor: Inclusão social.....42

“A cegonha e a raposa”.....43



Trabalhar o valor: Inclusão social

A história pode ser reescrita à luz da inclusão social, uma vez que a raposa é incapaz de aceitar a diversidade da sua amiga cegonha ou de reconhecer a tristeza que o seu próprio comportamento gera no seu amigo animal. Aceitar a diversidade significa ser capaz de pôr à vontade as suas próprias necessidades e reconhecer as necessidades dos outros, mesmo sem as ter experimentado em primeira mão, através da capacidade de empatia, que é fundamental para construir relações gratificantes.

“A raposa e a cegonha”

Os nossos antepassados contam-nos que, numa época longínqua, quando os animais ainda tinham o dom da fala e não tinham vergonha de serem vistos pelos humanos, uma raposa quis organizar um jantar em casa e convidou a sua amiga cegonha. As raposas, como se sabe, são animais astutos por natureza e conseguem muitas vezes sair de sarilhos graças à sua astúcia (...).

Poucas pessoas sabem, no entanto, que este animal com uma bela pelagem avermelhada também pode ser travesso e um pouco irritante. De facto, todos esperávamos que a raposa preparasse um jantar delicioso para o seu convidado e, sobretudo, que tivesse em conta os gostos da cegonha. Em vez disso, a raposa limitou-se a preparar uma sopa que foi servida à mesa num tabuleiro simples, sem sequer uma fatia de pão para melhor apreciar o prato principal, nem bebidas para se refrescar. A cegonha, apesar de esfomeada e desejosa de experimentar os dotes culinários da sua amiga raposa, não conseguiu de forma alguma provar a sopa; os bicos destas aves, como se sabe, são compridos e estreitos, pelo que tentar provar o caldo revelou-se uma tarefa impossível. A raposa manhosa, ao ver o seu convidado em dificuldades, limitou-se a terminar a sua porção em paz; depois, esfregou avidamente o prato da cegonha, fazendo comentários irónicos (e inapropriados...) sobre a falta de apetite da pobre ave, que regressou a casa com mais fome do que antes. A cegonha fez boa cara, mas, no dia seguinte, começou a pensar em como dar à amiga travessa o gosto do seu próprio remédio.

Passados alguns dias, porém, a ave migratória (...) decidiu retribuir o convite e, alguns dias depois, convidou a raposa para jantar.

A raposa (...), sem saber que poderia haver no mundo um animal tão astuto e desonesto como ela, aceitou com entusiasmo e chegou a casa da cegonha com água na boca, sem sequer ter o bom senso de trazer um ramo de flores ou uma garrafa de vinho para a anfitriã. Um cheiro delicioso a carne assada vinha da cozinha: a cegonha tinha preparado um delicioso guisado. Não há palavras para descrever a surpresa da raposa quando viu como a mesa estava posta: o delicioso prato tinha sido servido dentro de uma ânfora de vidro, com um gargalo comprido e estreito! Assim, enquanto a cegonha, graças ao seu bico comprido, pôde saborear a comida cuidadosamente picada, introduzindo o bico na garrafa e comendo até se fartar, a raposa, por mais tentativas que fizesse, não conseguia sequer meter o nariz na ânfora cheia de comida que lhe tinha sido colocada à frente, sofrendo de fome durante toda a noite. Diz-se que, enquanto a raposa lambia em vão o longo gargalo da garrafa, a ave migratória exclamou: “E carrego muito serenamente aquele que me deu o seu exemplo”. O pobre quadrúpede, a cuja astúcia a cegonha respondera com igual sagacidade, não teve outro remédio senão regressar a casa, triste, com a barriga vazia e o rabo entre as pernas (...).



Trabalhar o valor: Inclusão social

Perante algo ou alguém que não conhecemos, podemos sentir medo, mas se superarmos os nossos preconceitos e nos redescobriremos iguais nas nossas emoções, podemos mostrar mais inclusão e aceitação para com os outros. De facto, a história pode ser relida através do valor da inclusão social, uma vez que a raposa e o leão se reconhecem na sua diversidade mútua, aceitando-se mutuamente e construindo uma relação que ultrapassa o julgamento e a desconfiança.

“A raposa e o leão”



Nessa manhã, uma raposa passeava tranquilamente pelos prados floridos, após o mau inverno. De repente, a sua atenção foi atraída por um rugido violento. Era um grito que ela nunca tinha ouvido e, aterrorizada, fugiu para se esconder atrás de um arbusto. Dali conseguiu ver, abrigado entre as folhas, o animal terrível que tinha feito aquele barulho: era um leão, uma fera desconhecida para ela. Assustada, a pobre raposa fugiu o mais depressa que pôde. Passaram alguns dias depois desse encontro feio, que parecia quase esquecido, quando, de repente, a raposinha voltou a encontrar o leão. Desta vez, o rei da floresta apareceu mesmo à sua frente, obstruindo-lhe o caminho. Assustada, começou a tremer como uma folha, mas não fugiu, permanecendo no seu lugar até o leão se ter afastado. Na terceira vez que a raposa se deparou com o grande animal, descobriu que o seu medo estava a diminuir gradualmente. Assim, no seu encontro seguinte com o leão, estava mais calma e até conseguiu cumprimentá-lo com um cordial “bom dia”! Finalmente, quando o voltou a ver, a raposa tentou falar com ele e conseguiu finalmente descobrir qualidades como a coragem e a inteligência. A partir desse dia, não se cansou de o ouvir, certa de que só teria a ganhar com a experiência de um animal tão astuto e bom caçador.





Trabalhar o valor: Inclusão social

Estar num país que não conhecemos, sem as nossas referências culturais e linguísticas, pode ser uma experiência assustadora. Sobretudo se nos sentirmos julgados pela nossa diversidade. Isso pode levar-nos a isolarmos e a sentirmo-nos incompreendidos, como acontece com o protagonista. A história pode, por isso, ser reescrita à luz do valor da inclusão social, que implica aceitar a coexistência da sua singularidade e diversidade enquanto pessoa, reconhecendo as necessidades dos que nos rodeiam através do desenvolvimento da competência da empatia. A reflexão que a história estimula é a de que todos nós podemos encontrar-nos como estranhos num país que não conhecemos ou sentirmo-nos indesejados no local onde vivemos devido à nossa diversidade, mesmo no local onde crescemos. A história também nos permite refletir sobre o facto de a inclusão social ser um valor fundamental da cidadania ativa, uma vez que nos permite construir sociedades mais inclusivas e acolhedoras.

“Um manto de palavras”

A tia costumava chamar-me girandola. Depois veio a guerra e a tia deixou de me chamar isso.

Vimos para este país para nos salvarmos. Tudo aqui era estranho. As pessoas eram estranhas. A comida era estranha. Os animais e as plantas eram estranhos. Até o vento era estranho.

Ninguém falava como eu. Quando fui lá para fora, senti-me como se estivesse debaixo de uma cascata de sons estranhos. A cascata era fria. Fazia-me sentir só. Sentia-me como se já não fosse eu próprio. Quando estava em casa, estava embrulhado num manto de palavras e sons que eram todos meus, só meus. Chamava-lhe o meu velho cobertor. O meu velho cobertor era quente, era macio, protegia-me. Sentia-me seguro ali. Às vezes não queria sair mais. Só queria ficar lá. Debaixo do meu velho cobertor para sempre.

Então, um dia, no parque, uma menina sorriu e acenou para mim. Eu também queria sorrir, mas tinha medo. Continuei a andar com a minha tia. Mas assim que me virei para a ver, ela acenou de novo. Num outro dia, quando voltámos ao parque, procurei a rapariga. Ela não estava lá. Tivemos de ir mais algumas vezes até a voltarmos a ver. Ela acenou e sorriu e eu senti-me quente por dentro. Depois, a menina aproximou-se e disse coisas. Mas eram palavras estranhas. Era como voltar a passar por baixo da cascata fria.

A menina, no entanto, não parava de sorrir. Levou-me para os baloiços. Subi para o baloiço e ela empurrou-me para cima, para cima e para cima. Apetecia-me rir. Apetecia-me dizer-lhe que estava feliz porque éramos amigas. Mas não sabia como. Depois fiquei triste. Mais tarde, em casa, corri para me esconder debaixo do meu cobertor velho. Perguntei-me se iria estar sempre triste. Se alguma vez voltaria a ser eu próprio.

Na vez seguinte em que voltei a ver a criança, ela tinha-me trazido palavras. Fez-me repeti-las vezes sem conta. Depois, sempre que me encontrava com a criança, ela trazia-me novas palavras. Algumas eram difíceis, outras eram fáceis. Por vezes, eu dizia coisas engraçadas e ambos nos ríamos. Por vezes, sentia-me tolo e chorava. À noite, quando me deitava na cama debaixo do meu velho cobertor, sussurrava as novas palavras em voz baixa muitas e muitas vezes. Em breve, deixaram de me soar frias e parecidas com caramelo. Começaram a parecer-me quentes e acolhedoras. Eu estava a começar a tecer um novo cobertor. No início, a minha nova manta era pequena e leve. Mas todos os dias ia tecendo novas palavras. A manta crescia e crescia, e eu esquecia-me da cascata fria e solitária. Agora o meu novo cobertor é quente, macio e confortável, tal como o antigo cobertor. E sei que não importa o cobertor que uso.





Trabalhar o valor: Inclusão social

A história pode ser reescrita à luz do valor da inclusão social. Ao mesmo tempo, acreditamos por vezes que as pessoas que são diferentes de nós têm menos valor só porque não as conseguimos compreender: ser inclusivo significa ser capaz de reconhecer a singularidade de cada pessoa e valorizá-la.

“O soldadinho de chumbo”

Era uma vez vinte e cinco soldadinhos de chumbo, vinte e cinco irmãos porque nasceram de uma velha colher de chumbo. A arma no braço, o olhar fixo, a farda a brilhar de vermelho e azul. Que bem que ficavam todos juntos! A primeira frase que ouviram quando abriram a tampa da caixa que os continha foi: “Soldadinhos de chumbo!” Era o seu presente de aniversário e começou a colocá-los em cima da mesa, todos bem alinhados. Todos os soldadinhos eram idênticos uns aos outros, exceto um a quem faltava uma perna. Tinha sido o último soldadinho a ser fundido e já não havia chumbo suficiente.

Em cima da mesa, havia muitos outros brinquedos, incluindo um esplêndido castelo de papel. Era muito bonito, mas havia algo ainda mais bonito: uma linda rapariga em frente à porta do castelo, também feita de papel e com um delicado tutu. A rapariga tinha os braços estendidos porque era uma bailarina! E levantava a perna tão alto que o soldadinho de chumbo pensava que ela não tinha nenhuma, tal como ele.

Aqui está a rapariga perfeita para mim”, pensou ele, “mas ela é demasiado distinta, vive num castelo enquanto eu vivo numa caixa com outros 24 soldados. Ainda tenho de a conhecer”. Decidiu visitá-la assim que anoitecesse.

O soldado escondeu-se para que a criança não o voltasse a colocar na caixa com os outros soldados. Quando chega a noite, o silêncio invade a casa. Todos os habitantes dormiam tranquilamente, exceto os brinquedos. À meia-luz, a festa começou: os balões tocavam aos quatro cantos, os animais de peluche faziam piruetas e os soldadinhos de chumbo desfilavam ao som do tambor de um palhaço colorido. No meio de toda esta animação, só ficaram calados a bailarina de papel e o soldadinho de chumbo, que não conseguia parar de olhar para ela, perdidamente apaixonado.

Absorto na contemplação da dançarina, o primeiro soldado não reparou num gnomo negro, invejoso porque também ele estava apaixonado pela bela dançarina. O gnomo chama o jovem soldado, que nem sequer o ouve. O gnomo olhou para ele e ameaçou-o: “Tu ignoras-me! Mas em breve vais reparar em mim...” Na manhã seguinte, a criança apercebeu-se de que o soldadinho de chumbo tinha ficado escondido atrás da caixa; pegou nele e colocou-o no parapeito da janela. Imediatamente, uma rajada de vento infeliz, ou talvez o sopro vingativo do seu rival, fê-lo cair no vazio. A criança correu para a rua para o procurar, mas como não o encontrou, regressou a casa. Começou a cair uma violenta chuva de verão. Duas pessoas viram o soldadinho de chumbo e decidiram colocá-lo num barquinho de papel que estavam a construir. De seguida, colocaram o barco na água.

O frágil barco ficou rapidamente à mercê da corrente e desapareceu num remoinho. O pequeno soldado viveu momentos intermináveis na escuridão e finalmente viu a luz do sol ao longe. A luz tornou-se cada vez mais brilhante e abriu-se para o campo e para a liberdade: “Graças a Deus, estou a salvo”, pensou. Infelizmente, ainda não tinha acabado. Um rato enorme estava a bloquear a saída, mas felizmente ele não o conseguiu apanhar. O barquinho de papel continuou a sua viagem pelos prados e campos até que não resistiu e virou. O soldadinho de chumbo afundou-se. Adeus, linda bailarina! Um enorme peixe errante apanhou-o como presa e engoliu-o inteiro. Pouco tempo depois, o peixe foi apanhado pela rede de um pescador que o vendeu no mercado. Por acaso, o peixe foi comprado pelo cozinheiro que servia os pais da criança. Ao abrir a barriga do animal para o limpar, o que é que ela encontrou? O soldado perdido! Colocou-o na mesa, ao lado do castelo de cartão. A bailarina enviou-lhe um sorriso tão doce que o nosso pequeno herói percebeu que ela também o amava. Que felicidade depois de tantas aventuras. Mas o gnomo ciumento, que ainda não tinha renunciado à sua vingança, sugeriu à criança que se livrasse do soldado perneteta que estava a estragar a sua coleção e convenceu-a a atirá-lo para a lareira. De repente, a porta abriu-se violentamente, uma corrente de ar invadiu a sala, atirando o castelo de papel para as brasas.

A doce bailarina pegou fogo e ardeu. No dia seguinte, enquanto limpavam a casa, alguém remexeu as cinzas, unindo o soldadinho de chumbo e a bailarina de papel para a eternidade. E no meio dessas cinzas encontraram um pequeno coração de chumbo.



Trabalhar o valor: Inclusão social

A história permite-nos refletir sobre o valor da inclusão social. A reação dos outros animais é denegrir o camelo, mostrando que muitas vezes tendemos a troçar do que não compreendemos ou do que nos parece estranho ou diferente. No entanto, tal como o camelo tem de desenvolver uma maior consciência de si próprio e das suas capacidades, os outros animais têm de aprender a aceitar a diversidade de cada um.

“O Macaco e o Camelo”

Aquele era um dia particularmente importante. De facto, a floresta tinha convidado os delegados de todas as espécies animais a reunirem-se numa assembleia durante a qual seria discutido um assunto muito sério. Ninguém faltou. O primeiro a falar foi o leão, rei indiscutível dos animais. Num respeitoso silêncio geral, disse: “Caros súbditos, reunimo-nos hoje com o objetivo de estabelecer uma paz duradoura entre nós, eliminando todas as disputas e invejas, para que juntos possamos enfrentar todos os perigos causados pelo homem à natureza. O discurso prossegue longamente, sublinhado por aplausos.

Todos estão, portanto, de acordo: é necessário unirmo-nos para ultrapassar os problemas. No final da assembleia, cada animal participa no grande almoço organizado para a ocasião. A comida e a bebida são abundantes. Quando todos estavam saciados e satisfeitos, alguém pediu ao macaco, que era notoriamente alegre e animado, para animar a cerimónia com um divertimento. O macaco, sem ser questionado, subiu ao estrado e, com agilidade e simpatia, iniciou um número hilariante cheio de saltos acrobáticos, cambalhotas e danças. Encantados, os espectadores aplaudiram como nunca, divertidos com a habilidade deste comediante invulgar.

O único que permaneceu em silêncio foi o camelo que, invejoso do sucesso do macaco, decidiu atuar ele próprio em palco, chamando a atenção para si. Este animal engraçado começou uma dança desajeitada e sem jeito. Não era nem ágil nem engraçado.

No meio dos assobios gerais, foi obrigado a retirar-se, escondendo-se a um canto, onde se lembrou das boas intenções que tinham sido discutidas durante a assembleia: certamente, para se manterem todos unidos e amigos, tinha de começar a engolir alguma da sua própria inveja.

A inveja é o pior dos defeitos, porque nos impede de raciocinar e obriga-nos a lançarmo-nos em empreendimentos para os quais não estamos à altura.



Trabalhar o valor: Inclusão social

Reescrever a história de forma a realçar a inclusão social é crucial porque desafia estereótipos enraizados e promove valores que são essenciais para fomentar uma sociedade mais justa e compassiva. É importante reescrever a história para realçar o valor da inclusão social, o que permitiria que a história reflectisse melhor o mundo diversificado e interligado em que vivemos hoje. A história tem o potencial de inspirar discussões mais profundas sobre a forma como tratamos os outros que podem parecer “diferentes” e como aqueles que são marginalizados podem ainda assim prosperar quando recebem o apoio correto e a aceitação de si próprios.

A história, quando reenquadrada através de uma lente de inclusão social, não só realçaria o poder transformador da auto-aceitação, como também iluminaria o quão essencial é reconhecer o valor inerente de cada indivíduo, grupo-alvo diverso, independentemente da sua aparência ou da sua origem.

A história ensina aos leitores que a inclusão não tem a ver com forçar as pessoas a encaixarem-se num ideal único, mas sim com apreciar e celebrar as formas diversas e criativas com que as pessoas podem prosperar.

Através da história reescrita, podemos promover um mundo mais equitativo onde todos, independentemente das suas diferenças, têm a oportunidade de encontrar pertença e sucesso à sua maneira única.

“O patinho feio”

Havia uma grande agitação na quinta: Os filhotes da Mamã Pata estavam a chocar.

Um a um, começaram a eclodir. A Mamã Pata estava tão entusiasmada com os seus adoráveis patinhos que não reparou que um dos seus ovos, o maior de todos, permanecia intacto.

Algumas horas mais tarde, o último ovo começou a partir-se. A Mamã Pata, todos os patinhos e os animais da quinta estavam à espera de conhecer o pequenino que ainda não tinha nascido. De repente, um patinho muito feliz saiu da casca. Quando todos o viram, ficaram surpreendidos: este patinho não era pequeno, nem amarelo, nem estava coberto de penas macias. Este patinho era grande, cinzento e, em vez do grasnido esperado, cada vez que falava soava como uma velha corneta.

Embora ninguém dissesse nada, toda a gente pensava a mesma coisa: “Este patinho é muito feio”.

Os dias foram passando e todos os animais da quinta gozavam com ele. O patinho feio ficou muito triste e uma noite fugiu da quinta para procurar uma nova casa.

O patinho feio vagueou pelas profundezas da floresta e, quando estava prestes a desistir, encontrou a casa de uma velhinha humilde que vivia com um gato e uma galinha. O patinho ficou com elas durante algum tempo, mas como não estava contente, depressa se foi embora.

Quando chegou o inverno, o pobre patinho feio quase morreu congelado. Felizmente, um agricultor levou-o para casa para viver com a sua mulher e os seus filhos. Mas o patinho tinha medo das crianças, que gritavam e saltavam a toda a hora, e voltou a fugir, passando o inverno numa lagoa pantanosa. O patinho feio viu uma família de cisnes a nadar na lagoa e quis aproximar-se deles. Mas lembrou-se de como todos gozavam com ele e baixou a cabeça com vergonha.

Quando olhou para o seu reflexo na água, ficou espantado. Não era um patinho feio, mas um belo cisne jovem. Agora sabia porque é que era tão diferente dos seus irmãos e irmãs - eles eram patinhos, mas ele era um cisne! Feliz, nadou em direção à sua família.



Trabalhar o valor: Inclusão social

Reescrever a história para implementar valores como a inclusão social é relevante e importante porque alinha a história com as realidades sociais actuais, ensinando lições críticas a diferentes grupos-alvo, que promovem um mundo mais justo, compassivo e equitativo.

A inclusão social é mais importante do que nunca, à medida que as sociedades se tornam mais diversificadas. O destaque dado à inclusão na história mostra que todos merecem respeito, independentemente da aparência, do passado ou do estatuto social. Ao valorizar o Monstro pelas suas qualidades interiores e não pela sua aparência, a história reescrita desafia os estereótipos nocivos e promove a aceitação. Ensina às pessoas que o verdadeiro valor vem do carácter e das acções de cada um, e não das características externas.

A implementação deste valor ajuda os leitores a aprender empatia, cooperação e respeito pela diversidade - competências cruciais para navegar no mundo interligado de hoje. Também os capacita a participar na criação de espaços inclusivos onde todos podem prosperar. Uma história que reflecta este valor não é apenas uma história, torna-se uma ferramenta para a mudança social e um guia para moldar um futuro em que a inclusão social está no centro da forma como vivemos juntos.

**Jeanne-Marie Leprince de
Beaumont**

“A Bela e o Monstro”

Era uma vez um comerciante que tinha perdido a sua enorme fortuna. Um dia, teve de viajar para longe e perguntou às suas filhas o que queriam quando regressasse. As duas filhas mais velhas pediram jóias e roupas, sem pensar na situação do pai. Mas a filha mais nova, a quem todos chamavam Bella, disse: “Pai, só peço uma coisa:

-Pai, só peço uma rosa com pétalas vermelhas.

O comerciante, no seu regresso, teve de passar por uma floresta muito densa. Era uma noite escura e ele procurava um sítio para dormir. Passado algum tempo, avistou ao longe um enorme castelo e dirigiu-se para ele. Ao aproximar-se da porta, esta abriu-se por si própria e, sem ouvir resposta, o mercador entrou, dirigiu-se à sala de jantar, sentou-se à mesa e comeu a comida que lá era servida. Depois encontrou um quarto e deitou-se numa cama macia e fofa. Antes de adormecer, disse para si próprio

“O dono desta casa e os seus criados não tardam a deixar-se ver. Espero que me perdoem a liberdade que tomei”.

No dia seguinte, ao sair do castelo, parou para admirar uma bela roseira e colheu uma das suas rosas, com a intenção de a levar para Bella.

Suddenly, a fierce-looking beast wearing a fine silk garment leapt out of a bush:

-“I gave you food and a bed to sleep in, and now you are stealing my roses! -it roared.

The merchant was ashamed and frightened, with a trembling voice he offered apologies. The beast decided to let him go only if he promised to send one of his daughters to the castle. The merchant agreed and ran home. Heartbroken, he told his daughters about the encounter with the beast.

As duas irmãs culpavam Bella pelo destino do seu pai:

-Isto não teria acontecido se tivesses pedido roupas ou jóias”, disseram elas.

O animal tratou-a com muita bondade: ofereceu-lhe o maior quarto e deixou-a passear pelo seu belo jardim. À noite, Bella sentava-se junto à lareira e cosia enquanto o animal lhe fazia companhia. No início, ela tinha medo do animal, mas pouco a pouco começou a gostar dele.

O monstro, incapaz de conter os seus sentimentos, pediu a Bella para casar com ele, mas ela recusou. Ela não conseguia esquecer a sua aparência horrível. Mesmo assim, o monstro continuou a tratá-la com generosidade e muito amor.

Como a Bela tinha muitas saudades do pai, o monstro deu-lhe um espelho mágico e disse-lhe:

-Olha para o espelho e poderás ver a tua família. Nunca te sentirás só.

Um dia, a Bela olhou para o espelho e viu que o seu pai estava muito doente. Por isso, foi ter com a fera, implorando e chorando:

-Por favor, deixa-me ir para casa, só quero ver o meu pai!

O animal rugiu de raiva:

- Não! Nunca sairás deste castelo.

Dizendo isto, saiu do quarto. Mas, passado algum tempo, aproximou-se da Bella e disse-lhe:

-Podes ir e ficar com o teu pai durante sete dias. Mas tens de me prometer que voltas. Bella, muito contente, concordou. Bella, muito feliz, aceitou. Foi então ficar com o seu pai, que depressa recuperou da sua presença. Bella ficou com a família durante mais do que os sete dias, tinha-se esquecido da Fera e do seu castelo. Mas uma noite, teve um pesadelo terrível em que viu a Fera gravemente doente.

Bella regressou imediatamente ao castelo e, quando viu o Monstro fraco e doente, chorou e disse-lhe,

“Viverei contigo para sempre.”

Com estas palavras, o animal transformou-se num belo príncipe e disse: “Vivi sob uma maldição toda a minha vida:

-Vivi sob uma maldição todos estes anos e só o amor verdadeiro poderia quebrar o feitiço. A Bela e o Monstro casaram-se e viveram felizes para sempre.



Trabalhar o valor: Inclusão Social

O leão, neste caso, poderia representar um condenado que está na prisão por ser socialmente perigoso. Quais poderiam ser as soluções para reintegrar o “leão” na sociedade animal?

Reescrever “O leão ingrato” para se concentrar na inclusão social mostraria que mesmo aqueles que causaram danos podem mudar e encontrar o seu lugar na sociedade. Se o leão recebesse os recursos para se reformar - como educação, terapia e oportunidades para provar o seu valor - ele poderia reintegrar-se pacificamente. A história enfatizaria então a importância da inclusão social e da compreensão, compaixão e responsabilidade coletiva na criação de uma sociedade onde todos, mesmo aqueles que cometeram erros, têm a oportunidade de contribuir positivamente.

A inclusão social é um valor essencial, que queremos realçar através da nossa história reescrita para reconstruir as vidas daqueles que cometeram erros, mas que estão dispostos a mudar. Em vez de manter o leão isolado ou de o rejeitar, a sociedade animal deve concentrar-se em criar um caminho para a sua reintegração. Isto pode implicar oferecer-lhe a oportunidade de aprender novas competências, compreender as causas profundas do seu comportamento e promover a empatia no seio da comunidade. Se for dada ao leão uma oportunidade de demonstrar mudança e ganhar confiança, ele poderá eventualmente contribuir positivamente para a sociedade.

“O leão ingrato”

Era uma vez um leão feroz, que semeava o terror por toda a savana. Para evitar que continuasse a causar problemas, os caçadores concordaram em livrar-se dele. Enganaram o animal numa cabana e fecharam a porta. Um dia, um homem, compadecido com as súplicas do leão para o libertar, abriu a porta e o animal não hesitou em atacá-lo. Foi salvo e, imediatamente, os humanos da região começaram a trabalhar em conjunto. Foi salvo e imediatamente intervieram os humanos da aldeia, que organizaram uma espécie de julgamento para averiguar o que se tinha passado.

Depois de ambas as partes se terem explicado, um lobo sábio, que compreendeu imediatamente a dinâmica dos acontecimentos, interveio. O lobo pediu então ao leão que esperasse dentro da cabana pela resposta. Uma vez dentro da cabana, a porta foi novamente fechada e o lobo repreendeu o leão por ser ingrato para com aquele que tinha decidido, por compaixão, libertá-lo.

Valores: Inclusão social: O leão neste caso poderia representar um condenado que está na prisão por ser socialmente perigoso, quais seriam as soluções para reintegrar o “leão” na sociedade animal?



Trabalhar o valor : Inclusão Social

A história pode destacar a amizade, a partilha, a dádiva e a aprendizagem com os erros. Demonstra também o valor da inclusão social. A história realça os valores do ouriço e da raposa, não escolhendo um lado, mas explorando a sua interação e tensão. A história revela como estes tipos moldam as nossas actividades intelectuais, as nossas vidas pessoais e a cultura em geral. Ao fazê-lo, a história sublinha a importância de equilibrar convicção com adaptabilidade, simplicidade com complexidade e visão singular com compreensão pluralista.

“O ouriço e a raposa”

Era uma vez, numa floresta bem escondida, onde para se saber da sua existência era preciso andar quilómetros fora da cidade, Mark, o ouriço-cacheiro. Mark tinha 4 anos. Velho, claro, uma vez que os ouriços vivem até aos 5 anos. No entanto, a quem se perguntava na floresta, diziam que ele tinha sete corações, como um gato. Diziam que, de três em três vezes, ele saía para a rua, não se importava com os carros e as pessoas más e, correndo o risco de perder a vida, atravessava a estrada e entrava na floresta oposta. Nenhum outro ouriço se tinha aventurado a explorar aquela floresta, pois toda a gente sabia que os que lá tinham ido nunca mais voltavam.

As raposas que dominavam a floresta vizinha faziam questão de exterminar qualquer pequeno ouriço que se aproximasse dos seus ninhos. Mas nenhuma delas incomodava Mark e todos ficaram surpreendidos quando ele regressou. Mas ele também não sabia. Era tão velho que não se importava de morrer. Estava a viver o momento. E todos o invejavam por isso, mas ninguém fazia o mesmo.

Uma manhã, Mark decidiu atravessar a estrada mais uma vez, ir para a floresta oposta e banhar-se calmamente no rio. Desde pequeno que gostava de mergulhar os seus espinhos no rio da floresta oposta, passando aí inúmeras horas a brincar com os seus irmãos.

As suas pernas pequenas impediam-no de chegar rapidamente ao seu destino, pelo que partia sempre de manhã cedo para ganhar tempo. Pensava que, a essa hora, não haveria muitos carros a passar, pelo que o seu percurso seria mais seguro.

Foi isso que ele fez nessa manhã, por isso começou cedo a atravessar a estrada. Já não ouvia bem, mas conseguia ouvir as sirenes altas que vinham na sua direção, mesmo antes de chegar à floresta oposta. Ao virar o olhar, vê um grande veículo branco a aproximar-se a toda a velocidade. Incapaz de se salvar, envolveu-se nos seus espinhos e percebeu que a sua vida tinha acabado. As rodas do veículo branco tocaram-lhe nas costas e ele gritou de dor. O veículo branco continuou a correr e Marcos ficou na estrada, a sofrer, a gritar, mas sabendo que ainda estava vivo.

- Eu vou lutar!", disse ele e continuou a gritar por socorro.

Passado algum tempo, Sifis, o urso castanho, Melina, a líder dos javalis e todos os outros ouriços que ouviram o chamamento de Marcos apareceram por detrás da erva alta. Olharam para ele e, quando se aperceberam do que lhe tinha acontecido, começaram a pensar em soluções.

- Pobre rapaz, eu estava a dizer-lhe que um dia ele vai conseguir". disse Melina

- É isso que tens a dizer? O nosso amigo está a sofrer, temos de o ajudar. Sifis responde-lhe, querendo ajudar o seu amigo

- "Bem dito!" gritaram os restantes ouriços a uma só voz, e um deles continuou a dizer:

- Ele devia ter mais cuidado. Todos nós lhe dissemos que os carros são perigosos. Ele era velho, não devia andar assim sozinho na rua".

- Exatamente! Ele não deu ouvidos a ninguém e riu-se de nós porque não podíamos atravessar a rua por medo. Eis o que aconteceu agora". Melina disse e virou-se para a floresta. Os ouriços seguiram-na e, atrás deles, Sifis disse: "Ótimo, tens razão. Boa sorte para o velhote, ele nunca se importou".

Markos estava a ouvi-los e estava amuado. Não se importava de morrer, mas tinha a certeza que os seus amigos o iam ajudar. Depois, ouve uma voz a sussurrar o seu nome. - "Marco! Eu ajudo-te".

Virou-se para o outro lado e viu uma linda raposa castanha-avermelhada, com uma orgulhosa cauda espessa, agarrá-lo e correr para o seu ninho. Colocou-o cuidadosamente na relva macia e imediatamente outras raposas se juntaram à sua volta.

- Bem-vindo, Marco. Eu sou a Elli, a rainha das raposas. Vamos fazer tudo para te salvar", disse-lhe ela

Surpreendido, perguntou-lhe: - “Mas porquê? Eu seria a comida perfeita para ti, porquê salvar-me?”

- “Nunca te perguntaste por que razão não nos metemos contigo desde que vieste para cá?”, perguntou ela

- “Sim, porquê?” Markos perguntou-lhe com curiosidade

- Porque vimos o que há de bom em ti. E o bem vence sempre”, respondeu Elli

- E então? O que é que eu tinha de bom que os outros da minha floresta não tinham? perguntou ele novamente

- Amor. Nós vimos amor em ti. Nenhum dos teus amigos veio ajudar-te quando estavas a sofrer. Mas todos pediram a tua ajuda durante tantos anos e tu deste-a. Nós sabíamos. Nós sabíamos-lo. Por isso recompensámos-te, sabendo que eles nunca o fariam”, disse sorrindo

Marcos ficou perplexo, agradeceu-lhe e percebeu que todos os seus amigos o tinham traído. Ficou lá vários dias, ficou bom, embora tenha perdido os espinhos e estava pronto para voltar para a sua floresta. Quando chegou, todos o cumprimentaram com alegria. Reuniu-os todos debaixo de uma árvore alta e disse-lhes

- Eu sei porque é que vocês têm medo de atravessar para a floresta oposta. Têm medo do amor e, do outro lado, só sabem amar. Elli, a rainha raposa, ajudou-me quando vocês me viraram as costas. Os meus espinhos não estão perdidos, eu sei onde eles estão. Nos vossos corações”, disse-lhes e dirigiu-se para a floresta das raposas, onde se tornaria um residente permanente.

Os restantes animais aperceberam-se do seu erro, arrependeram-se, começaram a amar-se e a ajudar-se mutuamente e viram que as suas vidas se tornaram mais bonitas.



Trabalhar o valor: Inclusão Social

A pequenina poderia representar uma prisioneira. Como é que ela se pode reintegrar na sociedade? Ela é tão pequena, frágil e está sozinha. A exclusão social refere-se a determinadas situações em que os indivíduos não são reconhecidos, ouvidos ou tidos em conta nas suas sociedades e comunidades. A exclusão social pode ocorrer por uma série de razões. Algumas delas incluem factores que afectam a situação social ou económica de uma pessoa. Estes factores impedem frequentemente as pessoas de participarem plenamente na sociedade.

O pequenino tem de alterar estes factores limitadores e participar plenamente na sociedade.

Hans Christian Andersen

“A Pequeninina”

Era uma vez uma mulher que desejava muito ter um filho pequeno, mas não conseguia realizar o seu desejo. Por fim, dirigiu-se a uma fada e disse: “Gostava de ter um filho pequeno; podes dizer-me onde posso encontrar um?”

Oh, isso é fácil de conseguir, disse a fada. Aqui está uma espiga de cevada diferente das que crescem nos campos dos agricultores e que as galinhas comem; coloca-a num vaso de flores e vê o que acontece.

Obrigada, disse a mulher, e deu à fada doze xelins, que era o preço do espinheiro. Depois foi para casa, plantou-o e imediatamente cresceu uma flor grande e bonita, parecida com uma tulipa, mas com as folhas bem fechadas, como se ainda fosse um botão.

É uma bela flor, disse a mulher, e beijou as folhas vermelhas e douradas e, enquanto o fazia, a flor abriu-se e ela pôde ver que era uma verdadeira tulipa. No interior da flor, sobre os estames de veludo verde, estava sentada uma pequena donzela muito delicada e graciosa. Tinha apenas metade do comprimento de um polegar, e ela deu-lhe o nome de Thumbelina, ou Minúscula, por ser tão pequena. O berço era uma casca de noz elegantemente polida; a cama era feita de folhas de violeta azul, com uma folha de rosa como contracapa. Aí dormia de noite, mas durante o dia entretinha-se numa mesa, onde a mulher tinha colocado um prato cheio de água. À volta desse prato havia grinaldas de flores com os caules na água e sobre ele flutuava uma grande folha de tulipa, que servia a Tiny de barco. Aí a menina sentou-se e remou de um lado para o outro, com dois remos feitos de crina de cavalo branca. Era realmente um espetáculo muito bonito.

Uma noite, enquanto a menina dormia na casca de noz que lhe servia de cama, um sapo entrou em casa através do vidro partido da janela. Assim que viu a Tiny, murmurou: “Esta linda menina será a esposa ideal para o meu filho”. Então, agarrou na casca da noz com a Tiny, saltou para o jardim e partiu para o rio onde vivia com o seu filho, que era tão feio como ela.

“Quax, quax.” disse o sapo jovem, contente por ver a menina dentro da casca da noz. “Não grites e não a acordes”. A mãe ralhou com ele. “Vou pô-la no nenúfar mais afastado para que não possa fugir.” Quando a Tiny acordou e viu onde estava, começou a chorar. E o pior de tudo é que, nesse momento, apareceu uma rã com o seu sapinho nojento. “Este é o meu filho que em breve será o teu marido, não o tires daqui, vamos preparar a tua casa”. Disse ele à menina. Depois os dois foram-se embora e Tiny ficou sozinha e desesperada. Nessa altura, uma borboleta branca foi e ficou em cima do nenúfar. Então a Pequena encontrou a oportunidade de fugir. Tirou o seu cinto e atou uma ponta ao corpo da borboleta e a outra ao nenúfar. Assim, começou a nadar rapidamente pelo rio. Nesse preciso momento, um grande babuíno voou sobre ela. Fascinado pela sua beleza, agarrou-a e levantou-a. A borboleta amarrada com o cinto continuou a arrastar o nenúfar. “Que pena!” exclamou Tiny. “O que mais me entristece é que a pobre borboleta não vai conseguir libertar-se do nenúfar. Mas o babuíno não pareceu comover-se. Deixou a Tiny num ramo da árvore onde ela vivia e sentou-se ao lado dela. Pouco depois, chegaram outros babuínos que viviam ali. As fêmeas, loucas de ciúmes, olhavam-na com desprezo. Algumas comentavam: “Mmmm tem calma a linda!”

“Olha que não tem antenas nem asas. Ela não pode voar!” Embora o babuíno ainda estivesse apaixonado pela bela Tiny, pensou que não podia viver com uma mulher que era desprezada por todos os seus pares. Por isso, tirou-a da árvore e deixou-a numa rosa.

A pobre Tiny passou todo o verão na floresta com o chilrear dos pássaros como sua única companhia.

Mas quando o outono chegou, todos os pássaros fugiram para lugares mais quentes e o Tiny ficou sozinho no fim, a congelar de frio! Num dia gelado, partiu em busca de abrigo. A certa altura, chegou à casa de uma ratazana. Assim que viu a pobre rapariga com frio e fome, disse-lhe: “Podes ficar aqui durante o inverno. Eu dou-te comida e, em troca, limpas a minha casa e contas-me histórias”. A Pequena gostou muito deste acordo e começou imediatamente a limpar a casinha. Nessa mesma noite, o Sr. Toupeira foi convidado para jantar. Depois da refeição, a Pequena começou a contar belas histórias com a sua voz rouca. Assim que a toupeira a ouviu, apaixonou-se por ela. Querendo voltar a ver aquela criatura majestosa o mais depressa possível, convidou-os a visitá-lo para retribuir a sua hospitalidade. As visitas à toca da toupeira tornaram-se cada vez mais frequentes. As duas casas comunicavam entre si através de um longo e estreito corredor. Um dia, Tiny viu ali uma andorinha sem vida. Entristecida, acariciou-a e beijou-a. Depois, o passarinho voltou à vida com o calor do seu abraço e o seu hálito quente. Durante todas as noites daquele inverno frio, o Tiny cuidou da andorinha, levando-lhe comida quente e cobertores. Tratou-o com tanto carinho e amor que, quando chegou a primavera, o passarinho quis retribuir a Tiny o bem que ela lhe tinha feito. Então ele disse-lhe: “Vem comigo. Vou levar-te para um lugar maravilhoso onde serás verdadeiramente feliz”.

“Não posso. Não quero aborrecer o rato e a toupeira. Eles são tão bons para mim”. Respondeu a Pequena e a andorinha despediu-se dela e voou para longe. A primavera chegou e encheu as planícies de flores e fragrâncias. Um dia, quando a Pequenina estava a apanhar sol à porta da casinha, o rato aproximou-se dela e disse “Pequena, a toupeira pediu-me a tua mão em casamento e eu pensei que ele seria um bom marido para ti. Agora, na primavera e no verão, quando os dias são longos, podes fazer os teus dotes. Quando os tiveres prontos, faremos o casamento.

” Tiny sorriu educadamente, mas por dentro sentia-se péssima. Não queria de todo casar com a toupeira, mas obedeceu e começou a tricotar, tecer e coser os seus dotes. Assim que o outono chegou, o rato marcou a data do casamento.

Tiny, com lágrimas nos olhos, foi lá fora despedir-se do sol. Dentro de poucos dias não o voltaria a ver, pois viveria para sempre com o marido debaixo da terra. No meio dos seus soluços, porém, ouviu um som familiar:

“Pára, pára!” Era a andorinha. Assim que viu a sua amiga a chorar, voou até ela e perguntou-lhe: “O que é que se passa, Pequenina, porque é que estás triste?”

“Estou triste, porque amanhã vou casar com a toupeira e nunca mais vou ver a luz do dia...”

“Então porque não vens comigo?” Ofereceu-lhe a andorinha. “O inverno está a chegar e eu vou partir para lugares mais quentes. Anda!” Tiny não precisa de pensar. Aceitou imediatamente a proposta do amigo e subiu imediatamente para as costas dele. Viajaram durante dias e dias até chegarem a um sítio onde o sol brilhava intensamente. A andorinha voou para uma bela floresta junto a um lago azul. Aí desceu e deixou o Tiny no cálice de uma flor. Então, que surpresa! No mesmo sítio, um homenzinho de pele clara como cristal estava sentado confortavelmente, com uma coroa dourada na cabeça. Não era maior do que Tiny e ela sentiu que era a criatura mais bonita que alguma vez tinha visto. Esta pequena criatura era um príncipezinho. Mas também ele estava tão fascinado pela Pequena que se apaixonou imediatamente por ela. “Eu sou o príncipe das flores”, disse-lhe ele. “Queres ser minha mulher?” Ao ouvir estas palavras, a Pequenina lembrou-se da rã, do sapo, da toupeira, de todos os pretendentes que tinha conhecido, e aceitou alegremente a proposta do príncipe. Imediatamente, rapazes e raparigas saíram de cada flor e ofereceram-lhe um vestido florido e um par de asas. “Agora também podes voar! Queres que o teu nome seja Maya? O belo príncipe perguntou-lhe e ela aceitou. “Adeus!” Disse a andorinha do céu enquanto voava para o seu ninho. A bela Pequena sorriu e soprou um beijo ao passarinho que a tinha salvado e conduzido à felicidade.



Trabalhar o valor: Inclusão Social

Nesta história, é muito importante realçar o valor da inclusão social. Ao reescrever a história, pode enfatizar o valor da inclusão social escolhendo um rumo diferente.

Autor: Transmitido oralmente

“A história do pescador e da sua mulher”

Era uma vez um pescador e a sua mulher que viviam numa pequena cabana de pesca perto do mar. O pescador ia para a água todos os dias e pescava.

Um dia, retirou do fundo do mar uma grande beata. A beata disse: “Eu não sou um rabo a sério, sou um príncipe encantado”. E pediu ao pescador que o voltasse a pôr na água porque ele não ia gostar. O pescador teve a bondade de soltar o peixe, mas quando contou à sua mulher porque é que não tinha trazido nada, ela ficou descontente. Foi dito ao pescador para chamar o príncipe e pedir-lhe que realizasse um desejo: uma pequena casa em vez da pobre cabana. O homem obedeceu com relutância e voltou para o mar. A água tinha-se tornado verde e amarela. O pescador chamou-o: “Homenzinho, homenzinho, Timpe Te, Buttje, Buttje no mar, A minha mulher, Ilsebill, não quer o que eu quero”. Então o rabo nadou para cima e o pescador expressou o desejo da sua mulher de ter uma casinha. “Vá lá”, disse o rabo, ‘ela já a tem’. Quando o homem chegou a casa, a sua mulher estava sentada em frente a uma linda casinha com um jardim e ambos estavam felizes.

Mas, passado algum tempo, a mulher queixou-se de que teria preferido um grande castelo em vez da pequena casa de campo. Então, mandou o marido de volta para Butt e, com o coração pesado, o pescador partiu. Desta vez, a água era roxa, cinzenta e espessa. O pescador chamou o Rabo e disse-lhe o que a mulher queria. “Vai lá, ela está à porta”, disse a beata.

Quando o pescador regressou a casa, havia um grande palácio de pedra com criados e propriedades magníficas. A sua mulher mostrou-lhe o palácio com orgulho e ele disse-lhe que agora deviam ser felizes. “Vamos pensar nisso”, respondeu a mulher. Na manhã seguinte, ela pensou que o homem devia ser rei. O humilde pescador não queria ser rei, mas a mulher mandou-o para o rabo para que ela pudesse ser rainha. Deprimido, o homem foi para o mar e pensou que aquilo não estava certo. A água era toda cinzenta-escura e cheirava mal. O pescador chamou a beata e expressou-lhe o desejo da sua mulher. “Vai lá, ela já lá está”, disse a beata.

Quando o homem chegou a casa, o palácio era muito maior, a sua mulher estava sentada num trono dourado e rodeada pela sua corte. “Oh mulher, que maravilha que agora és rei! Agora não queremos desejar mais nada”. Mas a mulher agora queria tornar-se imperatriz e não descansava enquanto o homem não partisse de novo. O mar estava negro, espesso e espumoso. O pescador ficou aterrorizado quando chamou a beata e lhe contou o desejo da sua mulher. “Vai lá,” disse a beata, ”ela já lá está.”

Quando o homem chegou a casa, a sua mulher era imperatriz. Mas isso ainda não era suficiente para ela, que também queria ser papa. Com os joelhos a tremer, o pescador foi para o mar. A água estava a ferver e nuvens negras corriam pelo céu. O rabo também concedeu este desejo e, quando o pescador regressou a casa, havia uma grande igreja rodeada de palácios. A sua mulher estava toda vestida de ouro e os reis e imperadores ficaram maravilhados. Agora ela era papa, mas ainda não estava satisfeita, queria tornar-se como o bom Deus. O homem implorou-lhe que desistisse, mas ela ficou tão zangada que ele fugiu com medo. O céu estava negro como breu, uma tempestade enorme assolava o mar, que lançava ondas negras e gigantescas. O pescador gritou contra as forças da natureza e, quando a beata apareceu, disse-lhe que a sua mulher queria tornar-se como o bom Deus. O rabo disse-lhe: “Assim, o pescador e a sua mulher voltaram para a miserável cabana.



Trabalhar o valor: Inclusão Social

Nesta história, o amor é dificultado pelo estatuto social e pelas expectativas que temos em relação ao outro, quer se trate de um laço maternal, da pressão da sociedade ou dos sentimentos que comandam as nossas atitudes. O valor da inclusão social pode ser explorado e é possível reescrever a história imaginando que ela se passa nos dias de hoje e não no tempo das princesas.

Hans Christian Andersen

“A Princesa e a Ervilha”

Era uma vez um príncipe que queria casar com uma princesa a sério. Ele viajou por todo o mundo, mas onde quer que fosse, não conseguia encontrar nenhuma. Havia sempre algo de errado com as princesas que encontrava.

Numa noite de tempestade, uma jovem bateu à porta do castelo do príncipe. Estava encharcada da chuva e as suas roupas estavam sujas de lama, mas dizia ser uma verdadeira princesa. A rainha, desconfiada, decidiu pô-la à prova.

Nessa noite, a rainha colocou uma ervilha minúscula debaixo de vinte colchões e vinte camas de penas no quarto de hóspedes. Disse à princesa para dormir ali e ver se estava confortável.

Na manhã seguinte, a princesa desceu para o pequeno-almoço, com um ar cansado e dorido. “Não consegui dormir nada”, disse ela. “Havia uma coisa dura na cama, que me manteve acordada toda a noite!”

A rainha sorriu, sabendo que só uma verdadeira princesa poderia sentir uma ervilha minúscula através de tantas camadas de roupa de cama. O príncipe ficou radiante - tinha finalmente encontrado uma verdadeira princesa! Casaram-se e a ervilha foi colocada em exposição no museu real.



Trabalhar o valor: Inclusão Social

As fábulas de La Fontaine são ideais para trabalhar as competências sociais e emocionais. A fábula escolhida permite trabalhar a inclusão social, as diferenças e o seu impacto na vida quotidiana.

Reescrever esta história é simples, pois basta criar personagens humanas e histórias da vida dos participantes.

“A Cegonha e a Raposa”

Era uma vez uma raposa manhosa que adorava pregar partidas aos seus amigos. Um dia, convidou a sua amiga, a cegonha, para jantar. A raposa prometeu-lhe uma refeição deliciosa e a cegonha, sendo educada, aceitou de bom grado o convite.

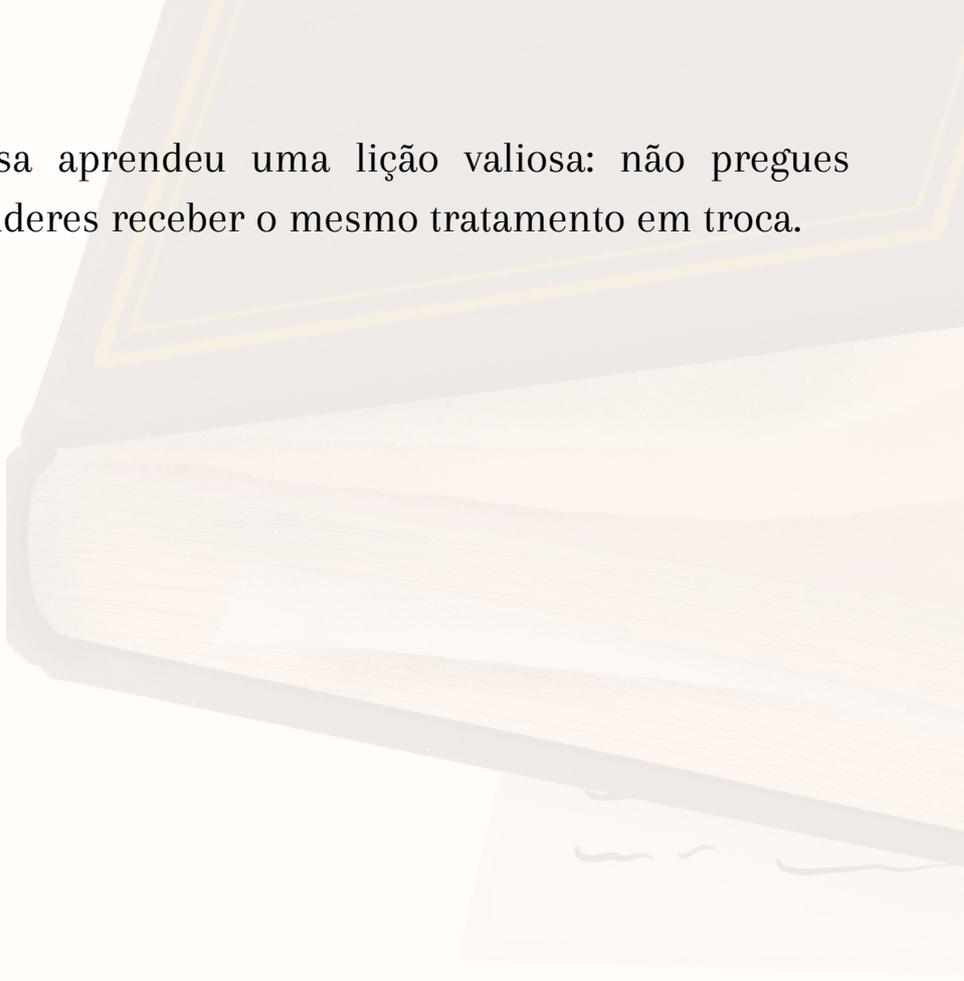
Quando a cegonha chegou, a raposa recebeu-a calorosamente e convidou-a a sentar-se à mesa. A raposa tinha preparado uma sopa, mas serviu-a em pratos muito rasos. A raposa começou a beber a sopa com facilidade, lambendo-a do prato. Mas a pobre cegonha, com o seu bico comprido, não conseguia comer nada da sopa. Tentou bater com o bico no prato, mas de nada serviu. Só lhe restava ficar ali sentada, esfomeada e envergonhada, enquanto a raposa terminava a sua refeição com um sorriso de satisfação.

A raposa fingiu não reparar na luta da cegonha e, quando o jantar terminou, deu as boas-noites à sua amiga com um sorriso malicioso. A cegonha foi-se embora, desapontada, mas não ficou zangada. Em vez disso, decidiu dar uma lição à raposa.

Alguns dias depois, a cegonha convidou a raposa para jantar em sua casa. A raposa, ansiosa por ver que tipo de refeição a cegonha iria preparar, aceitou o convite. Quando a raposa chegou, a cegonha serviu a comida em frascos altos e estreitos, com gargalos compridos. A cegonha, com o seu bico fino, não teve problemas em chegar ao interior do frasco para comer a deliciosa refeição. Mas a raposa, com o seu focinho curto, não conseguia dar uma única dentada. Ela tentou inclinar o frasco, mas não saiu comida. Tudo o que podia fazer era sentar-se e observar a cegonha a saborear a sua refeição.

Quando a cegonha acabou de comer, olhou para a raposa e disse: “Espero que tenhas gostado do meu jantar, tanto quanto eu gostei do teu”. A raposa, apercebendo-se de que a cegonha a tinha enganado, sentiu-se envergonhada e saiu silenciosamente de casa.

A partir desse dia, a raposa aprendeu uma lição valiosa: não pregues partidas aos outros se não puderes receber o mesmo tratamento em troca.





Licença gratuita

O produto aqui desenvolvido como parte do projeto Erasmus+ “Stories for empowerment 2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380” foi desenvolvido com o apoio da Comissão Europeia e reflete exclusivamente a opinião do autor. A Comissão Europeia não é responsável pelo conteúdo dos documentos.

A publicação obtém a licença Creative Commons CC BY- NC SA.



Esta licença permite-lhe distribuir, remisturar, melhorar e desenvolver a obra, mas apenas de forma não comercial. Ao utilizar a obra, bem como extractos da mesma, deve:

1. Ser mencionada a fonte e uma hiperligação para a licença, bem como eventuais alterações. Os direitos de autor permanecem com os autores dos documentos.
2. A obra não pode ser utilizada para fins comerciais.
3. Se recompor, converter ou desenvolver a obra, as suas contribuições devem ser publicadas ao abrigo da mesma licença que a original.

Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelas mesmas.